

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXIII Volume

Redacção e Administração
Travessa do Convento de Jesus, 4

20 de Junho de 1910

Composto e Impresso na Typ. do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

N.º 1133

Concurso Hípico Internacional



ção é a devoção, e a minha devoção é essa mesma obrigação. Não sei bem se a Senhora Margarida me entende; mas eu me entendo, e basta.

Deixe-os lá falar! As coisas da igreja não vão tão feias como as pintam. Quem os não conhecer que os compre. Elles, os padres, é que a sabem toda: queixam-se a fingir que lhes dóe, para mais rodeados se vêrem de afagos e choradeiras.

De tudo se lastimam, e em pouca coisa têm razão. Ninguém, com amor da verdade, poderá dizer que em Lisboa ha poucas igrejas. Não é isto assim? Vae a senhora por essa cidade fóra, e é o que mais se lhe depara deante dos olhos. E ainda bem que as ha, porque d'ellas vive muita gente, e todos nós temos direito á vida. Só aqui na Baixa, faça favor de ir contando: São Julião, uma; Magdalena, duas; Conceição Velha e Conceição Nova, quatro; São Nicolau, cinco; São Domingos, seis...

Se a gente vae p'lo Chiado acima — Sacramento, sete; Martires, oito; Loreto, nove; Encarnação, dez; São Roque, onze... E com a Sé doze, com a do Socorro treze — todas ellas quasi pegadas umas com as outras, e mesmo no meio da cidade, na encruzilhada de ruas já tão estreitas para o movimento que ha

hoje, que até uma pessoa anda sempre aos encontrões para se livrar dos carros e dos he-rejes. Mas veja lá se alguém se atreve a mandar deitar alguma d'ellas abaixo para alargar as passagens!

O nosso povo sempre gostou muito de igrejas e das coisas de igreja, e quem lhe tire um laus-perenesinho, uma procissãozinha e uma sexta-feira-santa com tudo bem ás escuras, Senhora Margarida — tira-lhe tudo. E nem eu, nem a senhora, nem ninguém gosta de que lhe tirem tudo, porque a quem se tira tudo, deixa-se sem nada. As toiradas e os theatros chamam muita gente, mas já não é a mesma coisa: custam muito dinheiro, e o dinheiro está caro. Quem tenha muita familia só lá uma vez por outra é que póde levá-la aos toiros, e se a quer levar ao teatro precisa pôr-se á espera de que haja algum beneficio no Principe Real ou na Trindade, para arranjar camarote mais barato. Depois, sempre lá vêm as filhas com as choradeiras dos vestidos claros, que já fingiram de novos quatro ou cinco vezes e não ha mais volta a dar-lhes; e lá tem o pae de se explicar com mais alguns metros de tarlatanas e mais alguma conta da modista, para que as meninas não façam má figura no meio das outras. Mais um chapéo d'aqui, mais uma sombrinha d'acolá, e por muito barato que todas essas bugigangas custem, como agora custam, desde que para ali ha essas grandes lojas que as vendem por metade do que ellas d'antes custavam, sempre tudo monta a uma boa conta calada — tão calada ás vezes, que ninguém chega a saber como é que elles a pagam.

Ora, para a igreja, já não são precisos estes berbicachos, e quem quer entrar na casa de Deus

CHRONICA OCCIDENTAL

O correspondente de Veiros de Cima para um dos nossos periodicos de maior circulação referia, ha poucos dias, o facto de ter o parcho d'aquella freguezia feito um sermão, por occasião da festa de não nos lembra que santo, em que se atirou aos livres pensadores como o gato se atira ao bofe, attribuindo-lhes todos os males de que soffre a igreja, e instigando os seus mais exaltados parochianos a darem cabo da pelle a todo o fiel patife que viesse a apparecer por ali fazendo alarde de idéas avançadas.

lendo esta noticia, o Senhor Leandro, andador das almas e meu visinho de saguão, commentava-a para a Senhora Margarida, que da sua janella do rez-do-chão, fronteira ás d'elle, ouvia a leitura que elle lhe fazia do jornal:

— Costuma-se dizer que primeiro está a obrigação que a devoção; mas, para mim, o caso muda de figura: obrigação e devoção têm que andar sempre juntas, porque a minha obriga-



EL-REI FELICITANDO OS VENCEDORES DAS CORRIDAS
UM ASPETO DO VELODROMO DEPOIS DA PROVA MILITAR E O PAVILHÃO DO JURI

entra sem pagar. Ali todos somos eguaes. Póde-se ir para lá com um vestido mais usado, e com um chapelinho assim mais ou menos, que ninguém se põe a fazer reparo nisso. Até p'lo contrario, que o que a igreja mais recommenda é modestia. Muita luz nunca ha, porque assim convém a todos os respeito: em primeiro lugar porque as velas, os cirios e o azeite, estão p'la hora da morte, e o gaz, que é o que hoje mais se gasta nas igrejas, não sae por muito menos; em segundo lugar, porque a pouca luz, assim uma meia escuridão, convida mais ao recolhimento das almas, infunde mais respeito, e aqui para nós, Senhora Margarida, que ninguém nos ouve, ajuda á somneca que é um regalo, quando os officios são muito arrastados ou a prédica não presta...

Razão tinham os antigos, que mandavam pintar quadros da vida dos santos nas vidraças dos templos, para que a luz do sol se quebrasse nelles e não viesse aclarar os mysterios da religião, nem distraír os fies do sonho da vida eterna...

Ha muito quem pergunte que fim levam então os muitos arrateis de cera e os muitos litros de azeite provenientes das promessas aos santos que têm altar nas igrejas de Lisboa.

Pois que fim hão de levar, se até á propria causa da christandade não convém gastá-los?

Voltam os cirios para o cereeiro, volta o azeite para o azeiteiro; e como os santos, quando não são de pau são de barro, e como os milagres já estão feitos quando se pagam as promessas — porque a gente acredita muito nos santos, mas nunca lhes paga adeantado com medo de ser mal servida — ganha o cereeiro, ganha o azeiteiro, ganhamos nós, e ainda a fé fica de ganho.

Janotices dentro da igreja não são precisas para nada. Ha ainda até muito boa gente a quem ellas escandalizam. Não sou eu do tempo dos Afonsinhos, e muito bem me lembro, e tambem a Senhora Margarida que ha-de andar pela minha idade, se lembra com certeza de só vêr nas igrejas mulheres de capote e lenço e fidaças de mantilha. Tudo era respeito, olhos no chão, e mãos postas. Em se passando para lá do guarda vento, já ninguém mais olhava senão para dentro de si, para a sua miséria, para o seu nada. Emquanto o padre não vinha para o altar ou o organista não ia para o órgão, podia-se ouvir voar uma mosca. As contas corriam pelos dedos e as orações pelas bocas, como corre uma aragem pelas folhas d'uma arvore.

De vez em quando, no meio de todo aquelle silencio, sentia-se cair uma moeda na caixa das esmolas, sobre o montinho d'outras que já lá estavam, e uma pessoa ouvia lhe tão bem o tinido, que logo dizia que era um pinto...

Capote e lenço, hoje, só nalguma velha de entruído; a mantilha tambem passou de moda: anda tudo de chapelinho. Mas se as plumas estão muito esfarripadas, ou as flôres muito murchas, compra-se outro para o passeio e fica esse para ir á missa, ao Senhor exposto, ou á novena.

A igreja, que sempre foi contra o luxo, sabe muito bem o que faz. Quem gasta muito em sedas e veludos gasta pouco em esmolas. E das esmolas é que vive a igreja. Isto é tão certo, Senhora Margarida, que quando chega o fim do semestre e vem a mudança das casas, a primeira coisa que eu faço é indagar das freguêças antigas que me ficaram se as que vieram de novo se apresentam com grandes vestidos e chapéus de muito preço; e só quando ellas me dizem que não, ou que não deram por isso, é que eu vou bater-lhes á porta. De contrario, nem já me incommoda...

Claro está que isto não se entende com essas damas da grande roda, que pódem dispôr de muito dinheiro e a quem não faz falta o que gastam com os beneficios de Deus para tambem andarem bem arredadas nas tentações do Diabo. Muitas dão tanto a ganhar á igreja como á loja de modas, mas têm lá as suas predileções muito particulares, e não se arredam d'ellas. Quem as quizer ver é ir á Graça, a S. Luiz Rei de França, e a Santos-o-Velho.

Está provado, e é coisa muito sabida, que os melhores collegios que hoje ha são os collegios dos padres. Só quem de todo em todo não póde é que não mette lá os filhos. Tenho ouvido dizer, e é certo, que a rapaziada aprende lá tudo quanto ha a aprender, e fica a sabê lo como aquelles que o sabem. Para os enrijar dão-lhes boa comida, obrigam-nos a fazer palhaçadas com as pernas e com os braços, pregam com elles nestes banhos de esguincho como ha em Rilhafolles para acalmar os doidos. E têm lições de dança, e representam em theatros que elles lá lhes armam — eu sei lá! tudo quanto convém a filhos de boa gente para se apresentarem na sociedade, saberem estar nella e viver nella, e aproveitarem da vida o

mais que possam. Lá como elles lhes vão ministrando as idéas da religião, isso não sei. O que sei é que quando depois vêm cá para fóra, taludos, desempenados, e sabichões, mettem hombrós a tudo quanto é bom negocio, assentam praça no exercito, engalfinham-se na politica, chegam a ministros, e tudo isto é d'elles.

Quem faz do povo o que quer, Senhora Margarida? São porventura os maçons, os livre-pensadores, os inimigos da igreja? Pois não foste! Veja lá a Senhora se elles são capazes de arranjar dinheiro para levantar a estatua do Marquez de Pombal. Elle que se contente com o medalhão por baixo do cavallo de D. José, e vá que está com muita sôrte... Não senhora: quem faz do povo o que quer é a igreja, são os amigos da igreja. E emquanto os governos sahirem da igreja, com ministros a quem os padres ensinam a trabalhar no trapézio, estamos nós todos nas nossas sete quintas!

Para que as coisas vão seguindo por este caminho, o que convém é que só a rapaziada de boa gente receba educação esmerada. Cá o po-vinho, tudo isto assim aqui ao redor do Socorro e de São Miguel d'Alfama, gente de fabricas, de officinas, de trabalho e canga, quanto mais bruto, melhor. Eu, se um dia fôsse governo, a primeira coisa que fazia era acabar com as escolas de graça que para ahí ha. Ha quem diga que se o povo soubesse ler tudo isto virava de bordo no rumo da verdadeira felicidade. Néscios os que o dizem! Ponha-me a Senhora Margarida toda esta arraia miuda a poder lêr o que para ahí dizem esses pasquins que mettem á troça as sagradas coisa da igreja, e verá... Diga-lhes que entrem de roldão pelos templos; que deem abaixo dos seus altares os santos que sorriem para o céu com o peito crivado de settas ou com as espaldas vincadas de cilícios; que apedrejem as procissões e os cirios onde as pobres mães enfileiram os filhos de cabelleirinhas loiras e azas de anjo e todas nellas se revêem; cálem a bôca. façam descer do pulpito aquelles que têm o dom de nos fazer crer na bemaventurança eterna; tirem ao casamento a sagrada benção do padre unindo as mãos dos esposos; levem o baptisado para a administração do bairro e ponham ás creanças nomes arresados de herejes em vez de bondosos nomes de santos; deixem que um dia lhes chegue a morte á cabeceira da cama sem que já lá encontre um enviado de Deus a tomar-lhe conta da alma, que é ainda a unica coisa que de toda esta vida se salva — e então havemos de vêr se será muito maior o numero dos felizes, ou pelo menos dos contentes com a sua sôrte...

Deixe-os falar, deixe-os falar. A igreja e as coisas da igreja têm ainda para pêras, e o mundo, que parece não se farta de dar voltas, ha de ainda faltar-se das muitas que terá a dar antes que os homens cheguem a encontrar melhor remedio para o mal das almas do que é a esperança de uma outra vida depois d'esta, sem guerras, sem privações, sem dôres.

O que em todo o caso se não póde pôr de parte é o que bole cá com o nosso rico corpinho e ajuda ao bem d'elle, que não é pequeno bem P'la alma, nada ha que reechar. Deus é pae de infinita misericordia, e o céu hade chegar para todos. Mas sempre convém ir fazendo acreditar que o resgate das almas que cáem no Purgatorio só se faz á custa de muito pataquinho, que é para os bemfeitores não perderem o costume de nos ajudar a viver...

Isto já foi melhor, mas não é ainda nada mau. Anda a gente muito, tem muito que andar. Galga muita escada, trepa a muito quinto andar, apanha com muita porta na cára, constipa-se muita vez a miudo por ter de andar com a calva á mostra e sem mais abafô que esta coçada capinha sem mangas, mas não dá o tempo, nem as passadas, nem o muito que lhe pinga o nariz por coisas mal empregadas. Para viver e arrecadar algum vinteminho para o resto da velhice, ainda chega.

Tudo vae em a gente saber dizer-lhes que é para a cera das bemditas almas...

JOÃO PRUDENCIO.

Concurso Hipico Internacional

A Sociedade Promotora do Apuramento de Raças Cavallares, realisou este anno o Concurso Hipico Internacional, nos dias 29 de maio, 1, 3 e 5 de junho, no velodromo de Palhavã, presidindo a todas as corridas Sua Magestade El-Rei

D. Manuel e Sua Alteza o Principe D. Affonso' com uma assistencia numerosa de espectadores' em que sobreshiam as senhoras da nossa primeira sociedade, com suas elegantes *toilettes* e dando a nota distinta da festa esportiva, em que se encontravam os nossos mais entusiastas *sportmen*.

O primeiro dia das corridas foi destinado á apresentação de cavalos e eguas nacionaes, com o premio de 50\$000 réis e um diploma ao creador. Ganhou a egua *Elsa*, do sr. conde de Sobral, pertencente ao sr. João de Mendonça. Prova de discipulos, a que concorreram alumnos do Collegio Militar e da Escola Academica, sendo as montadas, na sua maioria, cavalos peninsulares. Ganhou o primeiro premio o alumno sr. Antonio Pereira de Carvalho, que montava o cavallo irlandez *Goliath*. Segue-se a grande prova militar nacional para officiaes e aspirantes montados em cavalos ou eguas com praça assente no exercito. Inscreveram-se trinta e tres cavaleiros, que todos deram magnificas provas, sendo vencedor o alferes, sr. Jara de Carvalho, no seu cavallo *Elmo*, da caudalaria Sobral. Este primeiro premio foi um objeto de arte oferecido por El-Rei e 300\$000 réis. Os outros premios foram conferidos: 150\$000 réis ao alferes, sr. Afonso Botelho, que montava o cavallo *Atalaia*; 100\$000 réis ao tenente, sr. Casal Ribeiro, que mantava o cavallo *Gauthois*; 50\$000 réis ao tenente, sr. Manuel Latino, que montava o cavallo *Brutus*; 30\$000 réis ao alferes, sr. Lucio Nunes, que montava o cavallo *Almonda*; 20\$000 réis ao alferes, sr. José Paes do Amaral, que montava o cavallo *Veludo*; laços aos srs. Silveira Ramos, José de Mendonça e Julio Oliveira.

Esta parte da corrida despertou grande interesse, sendo muito victoriados pelo publico os vencedores.

O segundo dia, corrida *omnium*, teve, por ventura, mais atrativos ainda, pois nella entravam officiaes espanhoes e portuguezes, estabelecendo um *duelo* desportivo, em que afinal coube a victoria aos portuguezes.

Principiou pela apresentação de cavalos e eguas portuguezes com praça no exercito. Correram seis cavalos, conquistando o premio o cavallo *lasão*, *Crown Prince*. Nesta corrida os quatro primeiros cavalos classificados são portuguezes, dando, por isso uma excelente media.

Seguiram-se as provas de ensaio, a que concorreram cinquenta e tres cavaleiros militares e civis, sendo o resultado da classificacão o seguinte: primeiro, tenente sr. Passos Calado, no *meio sangue*, *Pol Lad*, da Escola pratica; segundo, alferes sr. L. da Cunha Menezes, no argentino *Makin*; terceiro, alferes sr. Feliciano Costa, no argentino *Never*; quarto, alferes sr. Ferreira Santos, no *lasão*, *Ju Juy*; quinto, tenente sr. Silveira Ramos, na egua irlandesa *Blak Bess*; sexto, tenente sr. Silveira Ramos, no cavallo irlandez *Sweet*.

O terceiro dia do concurso, não foi menos interessante que os precedentes, despertando grande entusiasmo por concorrerem cinco cavaleiros espanhoes e um francês, que desistiu, e disputando-se o Grande Premio de Lisboa. Foram ainda os portuguezes que alcançaram a victoria, não obstante o brio e denodo com que se portaram os espanhoes provando serem bons cavaleiros.

A primeira parte do programa era a apresentação de cavalos e eguas estrangeiras, para o que havia o unico premio de 50\$000 réis, oferecido pelo *Turf Club*, e que coube ao cavallo *Farinello*, *puro sangue*, do sr. Joaquim Alto Mearim.

Para disputar o Grande Premio de Lisboa, concorreram trinta e tres cavalos, sendo nove com *handicap* de dez centimetros na barra a um metro, dois com *handicap* de vinte centimetros na barra e dez centimetros sobre muro a um metro, e cinco com *handicap* com vinte centimetros sobre muro e barra a um metro.

Ganhou o primeiro premio, 1.000\$000 réis e um objeto de arte oferecido por Sua Magestade a Rainha, o tenente sr. Casal Ribeiro, que montava o cavallo *Gauthois*, *lasão* irlandez. Mais uma vez o sr. Casal Ribeiro confirmou os seus creditos de excelente cavaleiro, de grande correção e arte.

Os outros premios de 500\$000 réis, 200\$000 réis, 100\$000 réis, 50\$000 réis, 30\$000 réis, 20\$000 réis, 10\$000 réis e cinco laços, fôram ganhos respétivamente pelos seguintes cavaleiros: tenente sr. Passos Calado, no *Pol-Lad*, *lasão*, *meio sangue*; tenente sr. Jara de Carvalho, no *Elmo*, *lasão* portuguez; alferes sr. J. Oliveira, no *Adamastor*, espanhol; tenente espanhol D. Celedonio Febrel, no *Windsor*, *lasão* irlandez; alferes sr. Elias Garcia, na *Vendeta*, *meio sangue*; tenente D. Celedonio Febrel no *Vincent*, irlandez; sr. J. Alto Mearim, no *Farinello*, *puro sangue*; tenente sr. Manuel Latino, no *Boby*, irlandez.

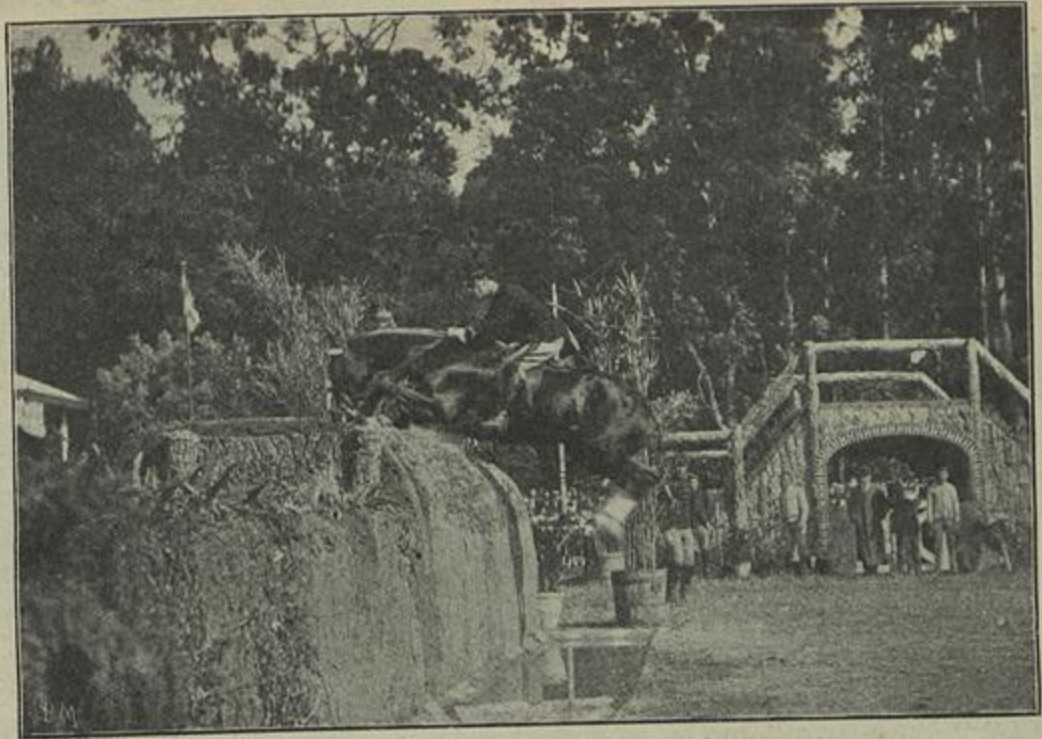
dês; tenente sr. Cifka Duarte, no *Ruapeku*, irlandês; sr. R. Castro Pereira, no *Horizonte*, português; tenente D. Martin Uzquiano, no *Iberbario*, espanhol, tenente D. Martin Uzquiano, no *Cetro*, irlandês; tenente sr. Silva Ramos, no *Sweet*, irlandês; tenente sr. Manuel Latino, no *Brutus*, português.

Dos cavalos portugueses conseguiram *handicap* *Farinello*, *Adamastor* e *Brutus*, de 0^m,10 na barra a 1 metro; *Windsor* e *Cetro*, de 0^m,20 na barra e 0^m,10 no muro a 1 metro; *Elmo*, *Iberbario* e *Vincent*, de 0^m,20 no muro e na barra a 1 metro.

O ultimo dia foi destinado á prova nacional, percurso de caça e campeonato de altura.

Inscreveram se trinta e dois concorrentes para a primeira prova, ficando vencedores, por sua ordem, os seguintes: alferes sr. Hygino Barata, no *Eclair*; alferes sr. Delfim Mayer, no *Quo Vadis*; alferes sr. J. de Mendonça, na *Elsa*; tenente sr. Silveira Ramos, no *Scott*; alferes sr. Affonso Botelho, no *Atalaya*; tenente sr. Lusignan de Azevedo, no *Beduino*; alferes sr. J. Mendonça, no *Soba*; alferes sr. Lucio Nunes, no *Almonda*.

No concurso de caça inscreveram-se quarenta e sete concorrentes, e ganharam, por sua ordem, os seguintes: D. Martin Uzquiano, no *Iberbario*; tenente sr. Silveira Ramos, no *Sweet*; tenente sr. Passos Callado, no *Pol-Lad*; sr. J. Alto Mea-



O TENENTE, SR. CASAL RIBEIRO, VENCEDOR DO «GRANDE PREMIO LISBOA»
NO CAVALO «GAUTHOIS»



PRIMEIRO PREMIO DE APRESENTAÇÃO DE CAVALO
GANHO PELA EGUA «ELSA» DO SR. J. DE MENDONÇA

rim, na *Clematite*; alferes sr. Hygino Barata, no *Eclair*; tenente sr. Cifka Duarte, no *Ruapeku*; alferes sr. Elias Garcia, na *Vendeta*.

Na ultima prova de campeonato de altura, haviam se inscrito seis concorrentes, mas só se apresentaram o tenente sr. Jara de Carvalho e alferes sr. Julio de Oliveira.

Coube o primeiro e segundo premios ao sr. Jara de Carvalho, nos cavalos *Elmo* e *Jau*; o terceiro

premio ao sr. Julio de Oliveira, no cavalo *Adamastor*.

Com prazer registamos nesta revista os progressos que mais este concurso veio provar, tanto na destresa e arte dos cavaleiros, como no apuramento de cavalos de corridas.

Em honra dos cavaleiros espanhoes realizaram-se duas festas esplendidas. Fôram ellas, um almoço oferecido pela Sociedade Hipica Portuguesa, e um banquete e baile no *Turf Club*, a que Sua Magestade El-Rei e Sua Alteza o Principe D. Affonso, se dignaram assistir. Esta ultima, principalmente, foi de extraordinario brilhantismo, quer o banquete quer o baile em que tomou parte grande numero de senhoras da primeira sociedade.



Casa de Saude Portugal e Brasil

Se o leitor quer vêr o que é uma casa de saude satisfazendo cabalmente a todos os requisitos que a ciencia hoje exige neste genero de estabelecimentos, chegue ao Rocio, tome um logar no electrico de Bemfica, siga até ao bairro Heredia, á Cruz da Pedra, apeie-se na respectiva paragem e suba a rua que encontra na sua frente, uma rua larga, quasi uma avenida, ao fim da qual vê levantar-se, na encosta de um grande monte, uma edificação moderna, elegante, desahfrontada e alegre na alvura de suas paredes, banhadas de sol e como que emergindo de um canteiro de flôres a desabrocharem por entre massiços de verdura e arvoretas novas, onde passaritos saltitam a chilrear contentes, na ampla liberdade daquelles campos oxigenados do ar puro e vivificante da montanha.

Essa edificação moderna é a Casa de Saude Portugal e Brasil, uma casa de saude como até ha pouco não havia em Lisboa, e ainda mais, no país, e que se deve agora á iniciativa arrojada de um medico tão intelligente quão tenas na realização da sua ideia, o sr. dr. Gomes de Amorim, nome que recorda

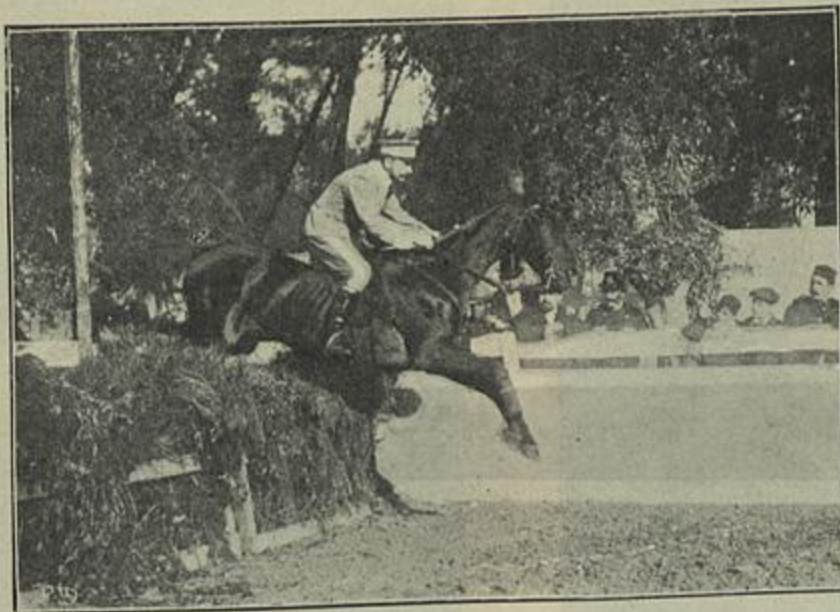
o inspirado poeta dos *Cantos Matutinos*, o dramaturgo do *Odio de raça*, Francisco Gomes de Amorim, o dileto discipulo e companheiro até á morte de Garrett, do qual colegiu as suas *Memorias*. Nome illustre das letras portuguezas e que continúa a sel-o em seu sobrinho, dr. Gomes de Amorim, que ilustra a ciencia e não desmente a energia de raça na luta que travou para a realisação da sua obra, como seu tio lutou para, dos sertões do Amasonas, onde o destino o levára uma creança, voltar á patria atraído pela poesia do autor do *Cambões*, que lêra e lhe acordara a alma para a sublime arte, e aqui veio conquistar a sua corôa de poeta.



TENENTE, SR. JARA DE CARVALHO, VENCEDOR DOS PRIMEIROS PREMIOS DE PROVA MILITAR E CAMPEONATO DE ALTURA NOS CAVALOS «ELMO» E «JAU».

Não ha duvida que essa força de vontade, essa energia, se continuam em seu sobrinho, pois só com estas qualidades, poude levar a cabo a fundação da Casa de Saude Portugal e Brasil, de resto uma coisa que de ha muito devia haver, pelo menos em Lisboa, onde todos os dias aportam centenas de viajantes, do Brasil, de Africa e de outros países, os que vem de passagem, os que procuram os ares patrios para refazerem a saude abalada, os que buscam na amenidade deste clima refugio aos rigores dos climas do norte ou das zonas tórridas.

Tudo indica Lisboa para uma estação de saude, de restauração de forças, de gozo, e mal se comprehende que, no meio deste movimento de viajantes, que caracteriza o nosso tempo, uns para tratar negocios, outros para se divertirem e ve-



TENENTE D. MARTIN UZQUIANO
VENCEDOR DO PRIMEIRO PREMIO DO PERCURSO DE CAÇA, NO CAVALO «IBERBARIO»

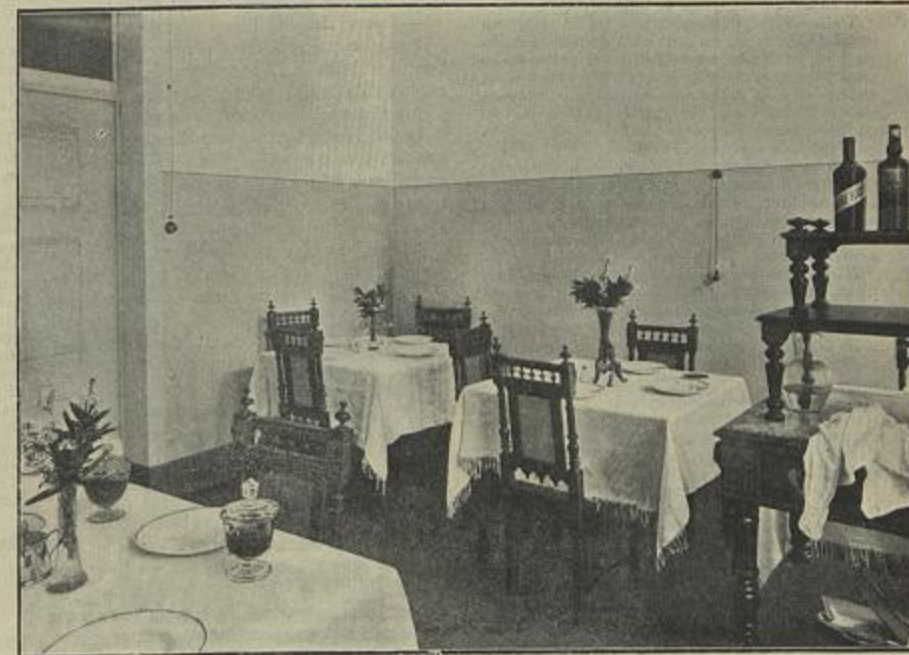
A Casa de Saúde Portugal e Brasil



O VESTIBULO



SALA DE VISITAS



SALA DE JANTAR

rem mundo, e ainda os que andam em busca da saúde que lhes falta, fosse coisa difícil estabelecer neste abençoado torrão uma casa de saúde, para sustentar a qual, quando lhe não bastassem os quinhentos mil habitantes de Lisboa, poderia contar com esses milhares de forasteiros.

A dificuldade resumia-se na falta de capital! O sr. dr. Gomes de Amorim, a quem não faltava competência, como está provado com o belo estabelecimento que fundou, faltava-lhe o capital, e não era fácil obtê-lo neste meio retraído e desconfiado em que naufragam tantas iniciativas uteis. Já tinham havido outras tentativas para o mesmo fim, e que não lograram êxito. Maior glória cabia ao sr. dr. Gomes de Amorim em levar por diante o seu intento, e durante cerca de sete

anos, persistiu, teimou, em recolher capital, ás migalhas, por assim dizer, até alcançar o bastante para dar principio á obra, e hoje a Casa de Saúde Portugal e Brasil é uma realidade, de que justamente se desvanecer seu fundador, não só pela vitória alcançada, como pelo bom serviço que prestou á nossa capital, possuidora de uma casa de saúde que não teme o confronto com as que lá fóra existem, nos centros mais adeantados da civilização.

Principiando pelo magnifico local onde se acha instalada, na encosta da serra, abrigada do norte, dispondo de 30.000 metros quadrados de terreno, dos quaes 2.000 são occupados pelo edificio principal, tudo concorre para os fins a que se destina a Casa de Saúde Portugal e Brasil, desde

o bello ar e amplo desafogo que ali se gosa, até ás comodidades de um estabelecimento modelar no genero.

Ali estivemos de visita, muito amavelmente recebido pelo sr. dr. Gomes de Amorim, que nos franqueou todo o edificio, para o qual se entra por um espaçoso vestibulo cujas paredes revestidas de lambris de marmore, sobrepondo se lhes apainelados de estuque, é fechado por um guarda-vento envidraçado, deixando vêr a ampla escadaria que dá acesso ao primeiro andar.

No pavimento terreo está a residencia do director gerente, á direita, e na ala esquerda as instalações hidroterapica, refeitório do pessoal, dispensa, rouparia, farmacia, gabinete do fiscal, e uma sala de espera, comodamente mobilada,

que se depara logo á entrada. Ao fim desta ala um balnario para *douches* e banhos de agulbeta e a cosinha. Todas estas instalações são irrepreensiveis de asseio e ordem.

Subindo ao primeiro andar pela ampla e elegante escada, a que nos referimos, e que se desdobra em dois lances de suave acesso, entra-se num longo corredor de setenta e dois metros de comprimento, que abrange toda a estensão do edificio, e para o qual abrem suas portas 24 quartos, alguns com ante-camara, inundados de luz que entra pelas janellas a iluminar as paredes de estuques claros, revestidas até certa altura de lambris de marmore artificial de facil limpeza, sendo o chão de *lamite*.

Desoito destes quartos tem mobilia de nogueira

perfeitamente acabada. Os restantes quartos tem moveis de ferro invernisados a branco e doirado. Em todos elles nada falta á comodidade das pessoas que ali habitarem, tendo em vista que tudo tem um aspeto alegre, que impressiona bem o espirito, fazendo esquecer completamente que se está numa casa para tratamento de doentes.

Foi esta a impressão que nos fez e parece que fará á quantos ali vão.

Os quartos deste primeiro andar são destinados a homens; os do segundo andar, em tudo eguaes áquelles, são destinados a senhoras. Nestes pavimentos ha casas de banho assim como retretes.

Entre o primeiro e o segundo pavimento, ha a secção de operações, perfeita e amplamente instalada, compondo-se de tres salas: a de este-

rilições, a de operações e a de observações, com todo o material mais moderno, fornecido pelo Instituto Pasteur.

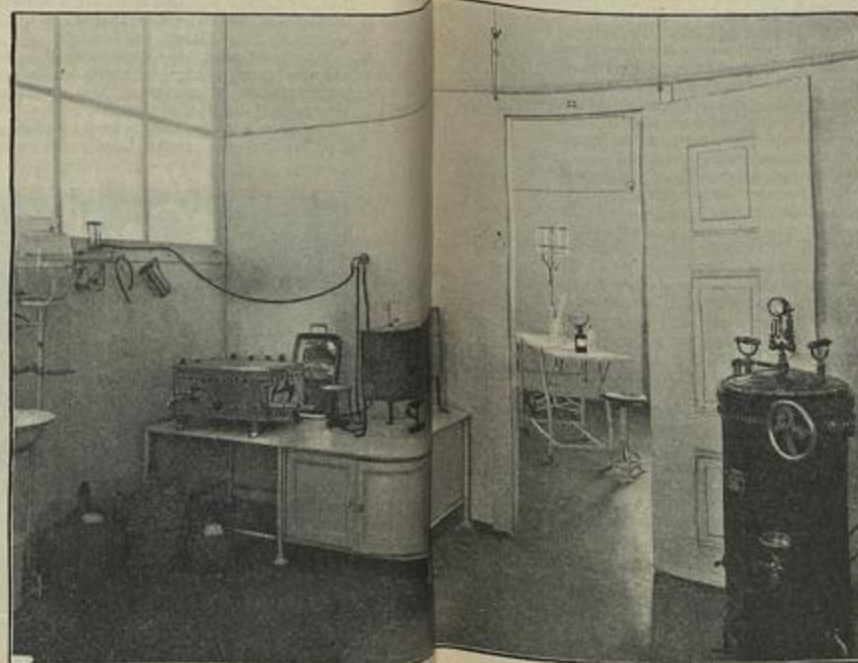
Os grandes corredores, que atravessam todo o edificio, oferecem um extenso passeio aos doentes, tendo o corredor do ultimo pavimento uma bella galeria em cada um dos seus extremos, com terraço onde se gosa o bom ar assim como um esplendido panorama até á serra de Cintra, de que se vê o Castelo da Pena.

Ao centro deste pavimento fica uma sala luxuosamente mobilada, para as senhoras, iluminada por uma ampla janella, da qual se desfruta tambem o lindo panorama de edificios e campos que se estendem para o nascente.

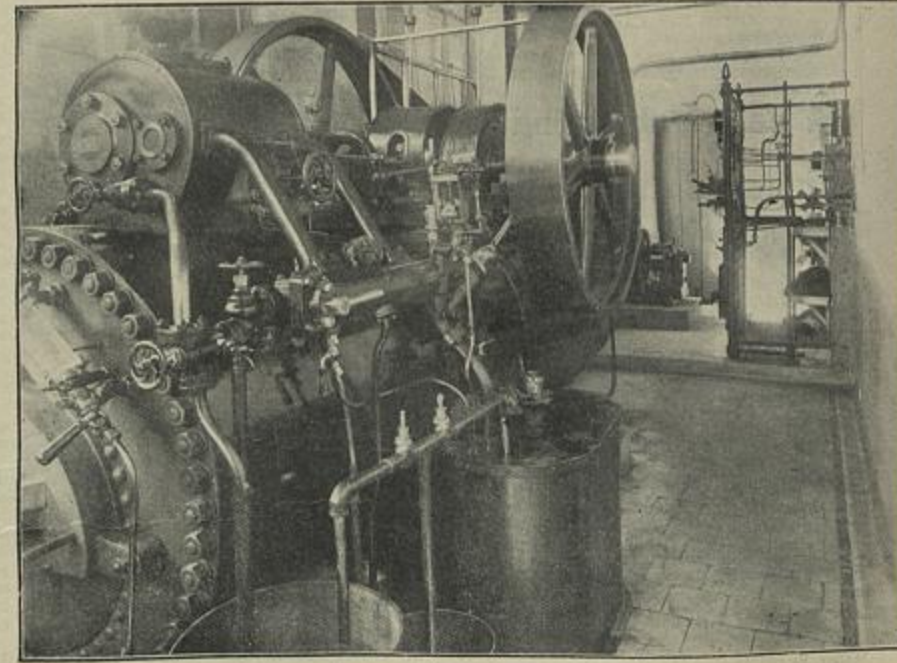
Resta nos referir a sala de jantar guarnecida



UM QUARTO DE CAMA



SALAS DE ESTERILIZAÇÃO E DE OPERAÇÕES



INSTALAÇÕES DA MAQUINA ELECTRICA

de mesas independentes para cada doente ou familia, e que está mobilada com extrema elegancia e comodidade.

Ha tambem uma sala de bilhar.

Todo o edificio é iluminado a luz electrica, com instalação propria, em uma casa de tijolo situada no parque. Neste ha tambem um reservatorio para 50 metros cubicos de agua, que uma bomba electrica eleva a 122 metros de altura, na encosta, onde ha outro reservatorio de 300 metros do qual se reparte, por meio de canalisação, a agua para todos os serviços do edificio.

Um estabelecimento modelar, com acomodações para cinquenta doentes, que além de receber estes, tem a vantagem de receber tambem as pessoas de familia que os queiram acompanhar, para o que tem todo o serviço como o dos melhores hotéis.

Não obstante a casa de saúde ter os seus medicos, principiando pelo diretor-gerente da mesma, os doentes tem completa liberdade de se tratarem com clinicos da sua escolha e em que mais confiem, podendo realisar ali todas as operações de que possam carecer, para o que nada falta.

A media das pensões regula de 2\$500 a 6\$000 réis diarios, conforme os quartos que os doentes ocupam, pensão bastante moderada em relação ao que lá fóra se paga, se somarmos o que custa separadamente cada serviço.

O sr. dr. Gomes de Amorim, além de ter feito o seu curso em Bruxellas, visitou os melhores estabelecimentos de saúde no estrangeiro e, só depois de demorado estudo é que planeou a Casa de Saúde Portugal e Brasil, confiando a construção ao sr. Antonio Ribeiro, habil construtor civil, que foi um colaborador intelligente que o sr. dr. Gomes de Amorim encontrou para levar a efeito a sua béla obra.

O sr. dr. Gomes de Amorim dedica á sua casa de saúde todo o amor que um pae póde dedicar a um filho. Vive ali com sua familia e só della se ausenta poucas horas, nos dias uteis, para vir ao seu consultorio da rua Nova do Carmo.

Esta circumstancia é de observar, pois mostra quanto interesse tem pela casa de saúde, sob a sua constante vigilancia, o que é a melhor garantia para os doentes que a ella se acolhem, cercados de todos os cuidados e atenções.

Quantos de nossos compatriotas vindos do Brasil ou da Africa abalados da saúde, e que em Lisboa não tem familia ou casa em condições de se tratarem, podem encontrar agora na Casa de Saúde Portugal e Brasil o tratamento de que carecem, em que não faltam os recursos da ciencia a par do carinho e dos cuidados para seu restabelecimento.

Isto devem á tão arrojada quanto louvavel iniciativa do sr. dr. Gomes de Amorim, a quem Lisboa fica tambem devendo um destes estabelecimentos que marca um progresso notavel.

CAETANO ALBERTO.



A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1133)

XVII

No covil do lobo

Retrocedi um pouco e fui-me esconder n'um sitio em que havia menos claridade, aguardando que Ruth passasse perto de mim, porque podia vir acompanhada e não seria então o momento propicio para lhe falar.

Ruth caminhava vagarosamente, e no seu rosto encantador, viam-se os sulcos das lagrimas que tinha vertido pouco antes.

Foi-se approximando lentamente, e quando me passou ao alcance, toquei-lhe levemente no braço:

— Miss Ruth! — pronunciei tão baixinho que suppuz não me ouvisse. — Miss Ruth, sou eu, Jasper Begg! Já me não conhece?

Voltou-se rapidamente mas sem soltar ne-

nhum grito de surpresa. Olhou em volta, como receosa que a vissem, e certa de que estava completamente só, dirigiu-se-me então:

— Jasper! Jasper! Pois é o senhor!?

Nunca esquecerei estas phrases de contentamento, cheias de tanto entusiasmo, e o olhar reconhecido com que me envolveu.

Aquella exclamação sua, era bem feminina.

Depois de soltar estas palavras, encaminhou-se para o quarto d'onde tinha sahido e eu entrei atraz d'ella. Ruth fechou immediatamente a porta e esteve escutando durante alguns segundos.

Não se ouvia o mais pequeno rumór. Em seguida avançou para mim e ficámos frente a frente, n'aquelle ninho tão lindo como talvez não houvesse outro em toda a Europa.

Descreverei aquelle logar tal como ainda hoje se me apresenta na memoria.

Era uma luxuosa camara, assim lhe chamarei, embora os francezes lhe deem o nome de *boudoir*, toda forrada de um tecido de seda cor de rosa pallida, sobre o qual corria uma facha com pinturas em fundo creme.

Por toda a parte se viam mesitas e *bibelots*, d'esses de que tanto gostam as mulheres galantes. Haviam cadeiras e poltronas estofadas por todos os cantos, além d'outros diversos moveis para recosto e descanso do corpo. Sobre o fogão de sala via-se um relógio de Paris, com a sua pendula cravejada de pedras preciosas e dos lados, grandes candelabros dourados que faziam *pendant* com elle.

Uma escrivaninha de pau santo e madreperola cheia de papeis e objectos de adorno, estava encostada á parede que dava para o mar, e na qual se via uma grande janella aberta na rocha, e fechada por grosso vidro de crystal facetado.

O chão era coberto de tapetes da Persia, e no fogão, o fogo lento, dava aquella habitação um conforto agradável.

(Continúa).

RICARDO DE SOUZA.



CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

(Continuado do n.º 1132)

A Rainha a quem juramos fidelidade e obediencia, existe, e egualmente existe o nosso juramento. O impedimento natural da mentecaptura não lhe tirou o dominio do Reino, e estes em qualquer parte onde ella exista, o conserva: porque não obrou factos voluntarios, ou criminosos, que delle a privasse, e por sua morte, ha de passar o Reino, que de sua natureza he hereditario, a quem o confere o direito de sangue e de successão legitima. Seja muito embora privado do direito de succeder o Principe D. João, se se puder julgar que a sua retirada foi menor, ou por innocente não póde ser privado do direito á successão, segundo a nossa Lei Constitucional.

A Nação, nas circumstancias em que o Reino se acha e que tenho ponderado, teria o direito de eleger Regencia que, he a que na realidade se póde julgar vaga e a faculdade de usar deste direito, he a que devemos pedir ao nosso benigno protector com a devida submissão. Se o juramento de fidelidade se não reputar hum ente imaginario, deve religiosamente respeitar-se e não he do character da Nação o ser inconstante, infiel e perpetua. O mesmo Imperador estranharia a nossa inconstancia e a facilidade de menosprezarmos o juramento que he hum vinculo de Religião, o qual une os Vassallos com o Throno, he da firmeza deste hum sagrado apoio. Tentariamos a Deus que rege o Universo, e com a sua Divina Providencia move as causas segundas para obrarem o beneficio.

Ao genero humano, segundo os seus altos designios, se pensassemos que na actual crise das cousas poderiamos, desligados da sua graça, acer-

tar na nossa deliberação a bem da nossa felicidade, e maiormente se offendessemos a Justiça e a Religião, tomando o atrevimento de decidir sem escrupulo sobre a sorte de huma Nação inteira e não ouvida, e sobre direitos certos e não contradictos. O grande Napoleão, considerado como Enviado de Deus Todo Poderoso para cumprir as suas Ordens ácerca do destino das Nações, hade providenciar com todo o bom discernimento e justiça segundo a vontade do mesmo Todo Poderoso, as nossas necessidades. A elle nos sujeitamos como entes passivos com a devida dignidade e humildade.

E elle he justo, he benevolo, e he em fim hum mandado por Deus para fazer o bem e cumprir os Decretos da Divina Providencia. Portanto, devemos confiar dos seus attributos, que olhe piedosamente para a nossa desgraçada situação tendo em vista a nossa resignação e reverente respeito com que nos temos sujeitado ao seu alto e poderoso Imperio, e aos seus justos e previdentes decretos. Nada temos que lhe pedir, nem de que tratar sobre o nosso assumpto, não devendo mesmo mostrarmos-nos ignorantes no que pedimos. Elle, melhor do que nós, sabe o de que necessitamos. Aceitaremos o que nos der e se pudermos conseguir da sua Real benevolencia, movida por si mesmo, a faculdade de eleger uma Regencia Portuguesa, e interina, com o uso das nossas Leis, e costumes, debaixo dos seus auspicios, não teremos mais que desejar.

Representação dirigida ao Ex.^{mo} Commandante em Chefe da Esquadra de Sua Magestade Britanica no dia 15 de Setembro de 1808

O Juiz do Povo, Illustrissimo e Excellentissimo Senhor, no meio dos transportes de jubilo e alegria de que, neste memoravel dia, se inundão os Corações Portuguezes, vem, cheio de respeito e de gratidão, beijar a forte e valorosa mão de V. Excellencia, por acabar de quebrar os ferros peizados com que nos havia agrilhoado, mediante o seu depravado Chefe, huma Nação que presumindo saber os dogmas e os preceitos da Justiça natural, e das gentes, tem d'estes tão injustamente abusado em obsequio da desmedida ambição desses monstros, que infelizmente a dominam e que teria sido fatal a todo o Universo se a Grã-Bretanha, vossa illustre Patria, e nossa fiel e potente Alliada, lhe não tivera formado as suas inacessiveis barreiras. Aquella Nação, sendo respeitavel em outros tempos pelas suas Luzes, pela sua Industria, e pelo seu Valor, que sempre caprichou guardar e manter os direitos do homem e das Nações e das justas balizas da Religião, he hoje (illudida por aquelle mesmo espirito de ambição) o flagello e o verdugo de toda a humanidade, atropellada pelo abuso do seu poder e das suas Armas; ella, depois de ter infestado toda a Italia e todas as Potencias do Norte, depois de ter arrancado os Sceptros e as Coróas das mãos e das cabeças de seus legitimos possuidores, para os depositar nas mãos, e nas cabeças infames de individuos da familia daquelle monstro, depois de nos ter extorquido grossas sommas pela Paz de Badajoz e pela posterior neutralidade na nova guerra que logo se seguiu á Paz de Amiens; veio com a mais execranda aleivosa invadir-nos; veio privar nos do nosso amabilissimo Soberano, e de toda a familia reinante; veio apossar-se dos nossos Theouros, do resto da nossa marinha, desarmar e dispersar nossas Tropas, e nossos Templos, até impôr-nos a mais dura e pezada contribuição. Que! por ventura vós o ignoraes? A Grã-Bretanha não vê tudo quanto se faz, e maneja no mais recondito das quatro partes do mundo, para deixar de vêr o que se acaba de passar, presentes as suas invenciveis Esquadras no triste e amargurado Portugal, a quem hoje restitue a paz, a tranquillidade, o jubilo, a alegria e o antigo entusiasmo, valor e braveza dos seus serviços maiores. Perdoai, Senhor, o lethargo do longo espaço de sete mezes, em que infelzimento jazemos, elle foi mais effeito de louvavel prudencia que de imputavel covardia, nós nos viamos rodeados das Armas de tres Potencias de primeira ordem, que nos surprehenderão; e que poderia fazer Portugal ainda hoje se o requinte da perfidia, a mais denegrida, não tivesse estimulado, e despertado a generosa Hespanha a instaurar os seus e nossos direitos e a tomar as armas para mantellos, vingar nossas injurias, nossos opprobrios, nossas affrontas e recobrar finalmente nossas liberdades?

Emquanto, Excellentissimo Senhor, a grande França não aparta de si a illusão em que se acha, enquanto não encara os seus verdadeiros interesses, enquanto não escuta seus pacificos

Filosophos e Publicistas e enquanto, finalmente, não aborrece huma gloria ensanguentada que a rivalisa com o mundo inteiro, e não aparta de si aquelle monstro, que a devora para fartar-se, e aos seus esfaimados Irmãos, fazei certo a vossa Heroica e Immortal Nação nosso reconhecimento e nossa gratidão: dizei-lhe, que Portugal lhe será eternamente agradecido, e que unido constantemente a Ella debaixo da mais religiosa fidelidade aos seus naturaes e legitimos Soberanos, promoverá, quanto em si estiver, a sua e a nossa gloria e a par della fará conhecer a todos, que o Supremo Ente eleva e felicita as Nações virtuosas sobre aquellas que abusando do seu poder e grandeza, presumem e caprichão atropellar a justiça, a igualdade e a independencia das mais.

O Juiz do Povo da Cidade de Lisboa

José de Abreu Campos.

Carta de agradecimento em resposta do Ex.^{mo} Commandante em Chefe da Esquadra de Sua Magestade Britanica. — Não de Sua Magestade Britanica, a «Hibernia», no Tejo aos 31 de Outubro de 1808

Senhor. Com infinita satisfação tenho recebido a Vossa memoria obsequiosa, e não posso deixar de apreciar os sentimentos que ella exprime, senão como effusões de zelo, lealdade e patriotismo; a manifestação universal em todo o Reino de Portugal, destas virtudes tem, com o soccorro das Forças de Sua Magestade Britanica, provado ser efficaz para forçar o inimigo commum a abandonar hum Paiz que era já á muito tempo, e que mui fatalmente tem sido scena do exercicio da sua rapinação, crueldade e injustiça.

Tenho a honra, Senhor, de ser com a mais alta consideração.

De V. M.

Muito obediente e humilde Creado

C. Cotton.

Senhor José de Abreu Campos, Juiz do Povo de Lisboa.



NECROLOGIA

Dr. Roberto Koch

O mundo da ciencia sofreu uma grande perda com a morte do dr. Koch, occorrida nos primeiros dias deste mez, e não só o mundo da ciencia mas ainda o de toda a humanidade, porque se o dr. Koch brilhou pela ciencia, as suas lucubrações, os seus trabalhos aproveitaram a toda a humanidade, pela qual elle esgotou a vida na ancianidade, para descobrir remedio a tanta enfermidade que a affligia.

Roberto Koch nasceu na Alemanha, em 1843. Feitos seus primeiros estudos, encetou o curso de medicina na escola de Goettingen. Aos 21 annos de idade já exercia a clinica, e poucos annos depois entrava como medico no Hospital de Hamburgo.

Datam do anno de 1872, sendo delegado de saude de Vollenstein, os seus primeiros trabalhos sobre bacteriologia, que mais tarde revolucionaram o mundo scientifico, avantajando-se a Wischow na patologia e na hygiene, estabelecendo-as em novas bases, continuando a obra de Lister e de Pasteur.

Do laboratorio passou ao campo pratico, que lhe ofereceu a guerra franco-aleman e ali estudou largamente as infecções, realisando pesquisas importantes que o conduziram ao reconhecimento dos agentes microbianos nas infecções. Como consequencia descobria a causa microbiana na carbunculose dos animaes e o modo de combater a epizootia.

Era muito, muitissimo, mas o caminho estava aberto a maiores investigações e experiencias, para Koch, cujo o impulso era todo o de rasgar novos horizontes á ciencia que professava com verdadeira paixão.

Aquelles primeiros trabalhos criaram lhe grande respeito em volta do seu nome e deram-lhe entrada no Instituto de Hygiene de Berlim, em 1880.

Esta posição, que seria uma conquista remuneradora para aquelle que a mais não aspirasse, foi bem ao contrario incentivo para avançar nos seus



DR. ROBERTO KOCH

estudos sobre as causas da tuberculose, descobrindo o formidavel bacilo a que deu seu nome.

Cultivou esse bacilo, reconheceu-o em todas as suas fases e procurou com insistente trabalho o modo de o combater, descobrindo o soro para a cura dos estragos que elle produz, a que chamou *tuberculina*.

A *tuberculina*, se não conseguiu vencer completamente o inimigo que pretendia aniquilar, representa contudo um estudo consciencioso e methodicamente deduzido de um seguimento de experiencias, que não chegando a um resultado definitivo, abriu um novo caminho de observação em presenca do inimigo já conhecido, utilmente aproveitado na clinica moderna.

Deve-se ao dr. Koch a descoberta do bacilo virgula, o microbio da colera, descoberta que elle fez, no foco desse terrivel mal, não hesitando em ir á India e ao Egito, quando em 1883 e 1884 a colera ali graçava, e lá o estudou, encontrando-o nos intestinos dos atacados daquelle mal, nas aguas e nas roupas dos contaminados, reproduzindo se rapidamente.

O conhecimento desse bacilo, permittiu lhe estabelecer o tratamento profilaxio contra a colera, impedindo a sua propagação e reduzindo o tratamento ao de outra qualquer doença infectuosa.

Em 1903, contando 60 annos de idade, ainda o domina a paixão do estudo a ponto de se aventurar a ir ao interior da Africa, elle um filho do norte, estudar a doença do somno.

Roberto Koch conquistou um nome universal, como benemerito da humanidade; poucos como elle terão occupado com tanta justiça a cadeira de professor na Universidade de Berlim, para que o governo o nomeou, além de um valioso premio que Guilherme II lhe conferiu. A França deu-lhe a Legião de Honra e a Academia de Ciencias de Paris nomeou-o seu socio estrangeiro, em 1903, no logar que o sabio Vischow deixou vago. Em 1905 ganhou o premio Nobel de Medicina.

Mais não cabe, nos limites desta revista, do muito que havia a dizer sobre este sabio e benemerito cientista. Compete ás revistas especiaes dar noticia circunstanciada da vida e obra de Roberto Koch.



Vera-Cruz, Revista politica, literaria, agricola e industrial, etc. Director, Norberto Jorge. N.º 2 do VI anno. S. Paulo. Este numero é especialmente dedicado á memoria de Alexandre Herculanio, pelos academicos da Republica dos Estados Unidos do Brasil, redação da *Vera-Cruz*, e comissão iniciadora do centenário.

Esta revista, proficientemente dirigida pelo sr. comendador Norberto Jorge, publicista insigne, a quem o OCCIDENTE já se tem referido, publica em o mencionado numero, belos artigos respeitantes a Herculanio, assim como um retrato

do egregio historiador, e outros retratos de membros da comissão do Centenario: comendador Norberto Jorge, José de Alencar Ramos Piedade, dr. Arthur Guimarães, dr. Estevam de Almeida, dr. J. J. de Carvalho, professor José Feliciano, barão dr. Brasilio Machado, senador dr. Dino Bueno, dr. Rafael Correia da Silva, dr. Antonio Carlos Simões da Silva, coronel Octavio Mayer, conselheiro Ernesto de Vasconcellos, dr. Nelson Senna, Vasconcellos Veiga, dr. Eurico Teixeira, Pascoal Moraes, dr. Carlos Braga Junior, J. Novicow, e Consiglieri Pedroso, presidente da grande comissão do Centenario.

Toadas simples, por Eurico Neves. — 1909. — Tipografia Bayard, 106. — Rua Arco Bandeira, 110. — Lisboa.

Eis 61 paginas, contendo 40 composições em verso, que o autor confessa, nestes termos, inaugural:

«Meus versos singelos
«sem nome de belos,
«São breves
«e leves,
«são letras primeiras.

Não é nosso intento molestar o novel poeta; mas, a proposito, cumpre-nos desabafar com a nossa propria consciencia.

Portugal está, de facto, no periodo tristissimo de uma decadencia consumada.

Não cuidam os paes de cohibir nos filhos os desvarios precoces, não cuidam os que discursam perante as multidões de as cohibir da taberna, e nem cuidam os governantes, em primeiro logar, da orientação moral austera e dos legitimos interesses da patria!

Bebedeiras de papel impresso, bebedeiras de vinho, e bebedeiras de impolitica! eis tudo!

Devemos, para que não haja mal-entendido, aqui afirmar ao autor de *Toadas Simples*, que não consideramos estas na categoria de bebedeira de papel impresso.

Entretanto, e muito á puridade, perguntaremos: não valeria muito mais á nação portugueza que todos tratassemos de nos instruir e educar a valer, deixando os devaneios poeticos para quando, com oportuna manifestação didactica, elles fossem despertador de almas e madura revelação da experiencia larga?

Esta, nos tem demonstrado, por mais de uma vez, a inutilização de esperancosos academicos incipientes, por intempestivos ensaios de rima, que os fascinam prontamente, cortando-lhes as carreiras produtivas e arremessando-os por fim á completa incerteza do dia de amanha.

Dizia o proloquio antigo: *crece e aparece*; e, por estar esquecido, vemos tanta gente querer aparecer sem crescer!

O poeta, nasce tal; mas torna-se mestre no tempo e com o tempo avoluma, avulta, impõe-se.

Por esta escala e sem febril precipitação de publicidade, chega a aparecer na hora e no momento em que importa para a gloria genuina, para o brilhante e perduravel effluvio da consagração desejada!

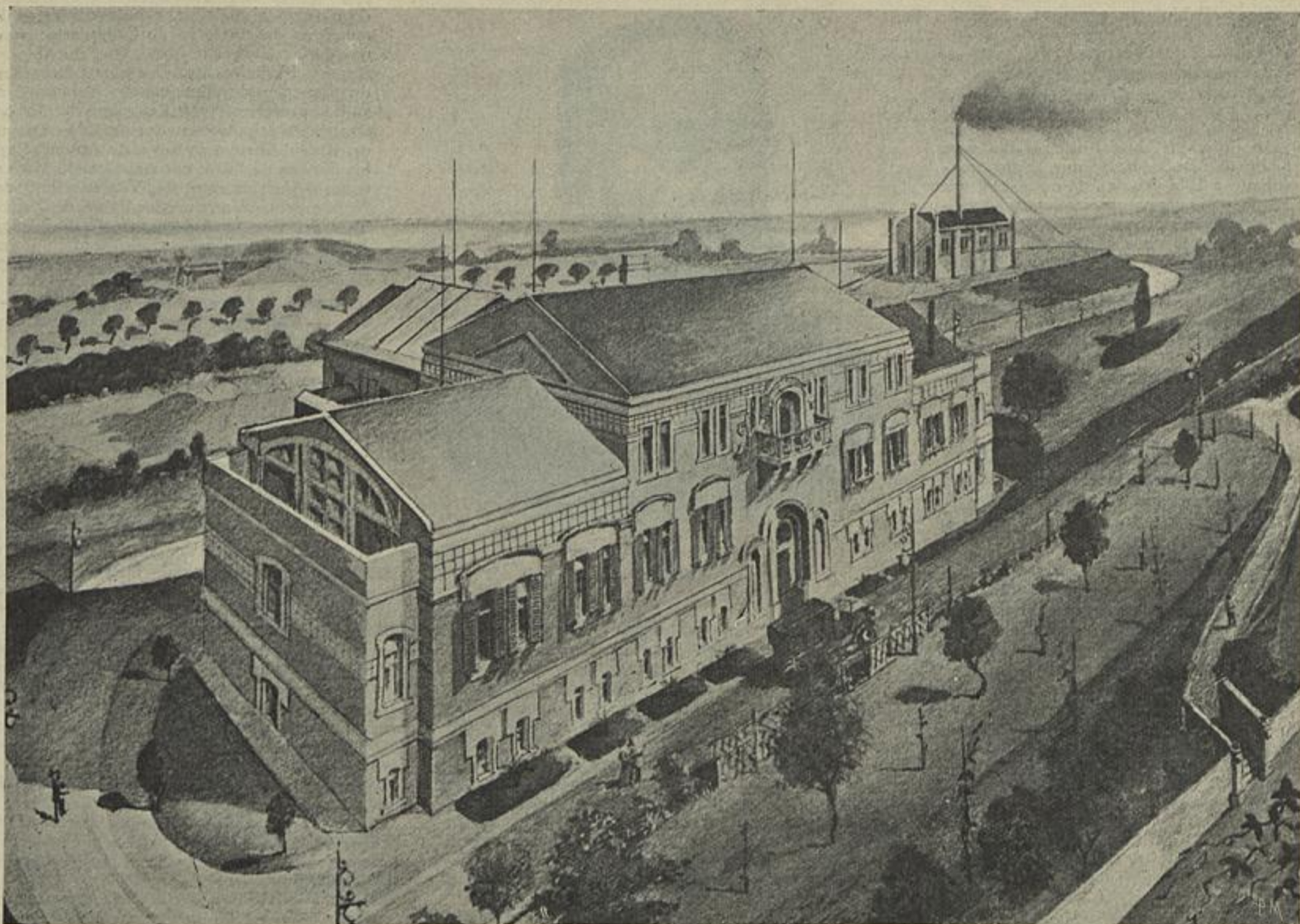
As Grandes Aventuras e os Grandes Aventureros — Armando Ribeiro — *A Conquista do Pólo — Romance original sobre a questão Cook Peary* — Proprietario e editor, Armando Ribeiro — Composto e impresso na Typographia Bayard — Lisboa — 1909.

Acabei de lêr o volume a que se refere o registo precedente. Compõe-se de um texto dividido por vinte e oito capitulos e abrangendo 188 paginas de leitura.

A proposito do famoso caso de prioridade em relação á viagem realisada pelos dois citados exploradores das regiões polares, assumpto ainda palpitante n'este momento e que provocou em todo o mundo culto azedas discussões, fazendo gemer outrosim os prelos da Imprensa, a proposito d'esse caso, descripto e narrado no romance com larga referencia noticiosa de elementos geographicos apreciaveis, o auctor engendra e insere uma série de scenas comicas e dramaticas não inverosimeis absolutamente, que imprime ao seu trabalho a feição caracteristica de romance de parceria com um predomínio de utilidade pratica, sob o ponto de vista instructivo.

Revela-nos o romance, a vida do povo norte-americano com precisão de colorido natural, que os factos da Historia e a palavra dos viajantes confirmam em absoluto.

Romances assim, constituem um optimo instrumento de propaganda de conhecimentos provei-



VISTA GERAL DA CASA DE SAUDE PORTUGAL E BRASIL

tosos e um fecundo meio de educação generalizada.

Filiam-se no ideal de Julio Verne, hoje convertido em numerosissimos volumes traduzidos em muitas linguas e amplamente espalhados em copiosas edições.

Teem até os romances da especie de *A Conquista do Pólo*, por Armando Ribeiro, provada vantagem de attractivo sobre os de Verne, visto servir-lhes de argumento e de base uma empresa levada a effeito com realidade objectiva e plano documentado.

Creio ser o romance a que faço allusão a primeira tentativa no genero, posta em execução por Armando Ribeiro, e por isso não estou admirado de uns senões que notei no volume devidos talvez a distrainimento do revisor.

Entretanto, elles lá existem e pôdem prejudicar um tanto o sentido de alguma passagem. Se estivessemos em paiz não pejado, infelizmente, de analfabetos e deseducados, aconselharia o auctor a proseguir mesmo com sacrificio no caminho encetado; mas, a verdade é a triste verdade, e não me atrevo senão a lembrar-lhe que em al-

gum outro labor semelhante que dê a lume no futuro, haja de enriquecê-lo com o recurso de estampas, tão adequadas á mais perfeita illustração comprehensiva de taes trabalhos.

Fazem sensível falta no volume *A Conquista do Pólo*, em cujo texto seriam com a sua presença, de logico integramento.

D'estas columnas agradeço a Armando Ribeiro o exemplar com que a sua delicadeza me brindou e as palavras em excesso lisongeiras da sua dedicatória.

D. FRANCISCO DE NORONHA.

Casa de Saude Portugal e Brazil

Estrada de Bemfica (Bairro Heredia)

Recebe doentes de medicina e cirurgia que se podem tratar **com medicos de sua escolha** e fazer-se acompanhar de pessoas de familia.

Secção especial de **doenças nervosas**, dirigida pelo professor EGAS MONIZ.

Teleph. 65 (BEMFICA)

O director gerente: **Dr. Gomes de Amorim**

23 a 173 francos por semana, podem ganhar, senhoras homens e rapazes em suas casas. Muito honroso, facil, sem precisar conhecimento algum especial. Venda garantida—A. I. Horton—56—Rue Carvès—Grand Montrouge (Seine) France.

Capas para a encadernação dos volumes d'O OCCIDENTE

Preço da capa **800 réis**, capa e encadernação **1\$200 réis**

Collegio Francês * Instituto primario e secundario

Autorisado por Alvará Regio de 25 de julho de 1904

Rua de Nossa Senhora do Resgate, 6 (Avenida D. Amelia)

|| LISBOA ||

EDIFICIO PROPRIO E ESPECIALMENTE CONSTRUIDO PARA COLLEGIO

Matricula permanente de alumnos internos, semi-internos e externos, em todas as classes de instrucção primaria, curso dos lyceus, curso pratico do commercio, gymnastica, esgrima, musica, dança, etc.

Achando-se este instituto installado em edificio, que foi propositadamente construido para collegio, as suas condições satisfazem todas as exigencias da pedagogia e hygiene moderna. Dispõe de vastissimas aulas, amplos e arejados dormitorios, magnifico refeitório, casa de banho com todas as comodidades e um excellente parque para recreio dos alumnos.

O corpo docente é composto dos mais auctorisados professores e os magnificos resultados dos exames, todos os annos são a mais segura garantia da nossa solicitude e escrupulo na escolha do professorado.

Enviem-se pelo correio prospectos do collegio, regulamentos e tabella das refeições.

O director e proprietario — ALFREDO DA COSTA E SILVA (Nomeado director por Alvará de 28 de dezembro de 1903)